



A SEMENTEIRA

PUBLICAÇÃO MENSAL ILUSTRADA - CRÍTICA E SOCIOLOGIA

Proprietário, Director e Editor

H. Marques

Tip. R. Poço dos Negros, 81

(Formulaire de la loi sur la presse en Portugal)

Redacção e Administração

CAIS DO SODRÉ, 88

LISBOA — PORTUGAL

Bitte, sendet Tauschnummer an:

Se pide envíen el canje a:

Ni petas vin sendi interângon al:

Prière d'adresser l'échange à:

Please send exchange to:

Preghiera d'indirizzare il cambio a:

Queira enviar a permuta a:

A SEMENTEIRA

CAIS DO SODRÉ, N.º 88

LISBOA — PORTUGAL

Aos amigos da Sementeira

Não se publicou «A Sementeira» em Novembro, porque a censura nos havia suprimido nove páginas e meia, e só agora reaparece porque a censura só agora foi abolida. Damos a seguir os artigos por ela suprimidos, e em números subsequentes de «A Sementeira» iremos publicando todos os artigos e sueltos pelas várias censuras impedidos de publicar, para que os leitores, nossos camaradas e amigos, observem que não havia motivo para uma tal atitude repressiva contra nós e também para que mais uma vez se mostre que, contra nós, se equivalem todas as facções e grupelhos políticos que tanto abundam nestas pequeninas terras de Portugal.

Apesar de terminada a guerra, as dificuldades para a imprensa que não vive de insensos, de subvenções nem de «chantage», continuam assoberbantes e até agravadas pelo último governo de reacionários que se havia bamboleado no poder; mas como sentimos ser de extrema necessidade a difusão das nossas ideias, publicando e arquivando em nossas colunas toda a documentação do movimento de transformação social e que se está operando por toda a parte, nós apelamos para todos os nossos amigos e camaradas para que nos dispensem a sua solidariedade, por todas as formas, auxiliando-nos e divulgando «A Sementeira».

UM ANO DEPOIS

A agonia do bolxevismo ou maximalismo, tantas vezes anunciada, prolonga-se demasiadamente, e a revolução socialista russa completa o seu primeiro ano, trabalhoso e doloroso embora... Parece, pois, tratar-se de uma força bem mais apegada à vida do que, por exemplo, o luso pimentismo, o afonsismo e outros ismos caseiros, caídos com os solavancos das balbúrdias políticas...

Não lhe faltam, entretanto, inimigos, poderosos e implacáveis, além de desleais, que por cima de tudo alvejam a revolução russa, visando a extinguir um incêndio que ameaça alastrar-se. Para muitos deles, aliás, bastaria a explicar-lhes o ódio um acto temerário dos Sóviets: a anulação dos empréstimos contraídos pelo tsarismo. Há muitos anos que os revolucionários russos se fartavam de prevenir disso o confiado capitalismo internacional, que estava longe de esperar a vitória da revolução e que contra ela provia de armas e munições a autoeracia tsarista.

Quando o golpe foi vibrado — como não podia deixar de ser — todos os revolucionários sociais viram nele a manifestação, aliás elementar e necessária, duma verdadeira revolução, que não se limita a substituir um governo por outro; mas todos esperaram a resposta violenta do capitalismo mundial ameaçado.

E a resposta veio, em forma de intervenção armada e de calúnia «de grande estilo» — ofensiva muito em voga nesta pavorosa crise de violência militar e de mentira estratégica. O nó da calúnia foi apresentar o socialismo maximalista russo, adversário de todas

os imperialismos, como vendido ao «inimigo» e como um «inimigo igual ao outro, quando, afinal, inimigo é na verdade, e bem profundo, mas do capitalismo internacional, que amanhã encarregará porventura a Alemanha — hoje combatida como rival, como concorrente, e não como inimigo — de fazer a policia da Rússia e de esmagar ali a revolução, se esta não estalar na própria Alemanha e se o proletariado internacional não estorvar o acôrdo.

Mas esse torvo ódio à revolução russa, vindo donde vem, é perfeitamente lógico e compreensível. E quando vemos um simples democrata, como o escritor espanhol Gabriel Alomar, sem deixar as suas opiniões democráticas e as suas preferências por Kerenski, defender contra os seus correligionários a integridade de carácter dos homens e a grandeza das coisas da revolução russa, collocando-a, por aqueles e por estas, acima da revolução francesa em importância e profundidade social, estamos em face duma excepção estranha, que honra a independência mental do autor e deveria envergonhar os que, dizendo-se ainda socialistas e alguns até anarquistas, entram no côro de maldições contra os bolcheviques!

E é a attitude destes últimos inimigos do maximalismo que nos parece menos lógica e compreensível. Declarada a guerra, foi em nome da revolução social que tomaram o partido de um dos grupos beligerantes. Do mal o menos. Batiam-se pela «Democracia» porque, ao estalar a conflagração, não fôra possível fazer a revolução verdadeira, à qual, porém, a vitória duma coligação de Estados aplanaria o caminho.

Mas a revolução veio enfim, tornou-se possível num vasto território. Pareceria que sobre ela tornasse a reinar o acôrdo entre os revolucionários, que todos diziam buscá-la, embora por opostos caminhos... O facto, porém, vinha ferir sectarismos e transtornar a realização dum plano, que um estreito critério democrático apresentara como sendo um simples meio, e que a lógica do caminho tomado, ladeira abaixo, acabou por transformar em fim, ao

qual tudo se sacrificava, inclusivé a revolução.

E esta foi combatida, ou melhor, negada. Aquilo não era uma revolução socialista: era uma ditadura, pura e simples, era a reacção! Fez-se um agrupamento de taras e violências, callando-se o mais; elaborou-se uma resenha dos acontecimentos segundo os padres Loriquet da burguesia; reproduziram-se pressurosamente as piores invenções policíesco-jornalísticas. Os reformistas pseudo-socialistas, que na Rússia se chamam, por estranha aberração, «socialistas revolucionários», em cujas fileiras se alistaram, como último refúgio, inúmeros burgueses, foram dados como os verdadeiros intérpretes do povo russo, do socialismo e da revolução.

Muitos chegaram, não só a aplaudir, mas a reclamar a intervenção armada na Rússia! Não era, evidentemente, para garantir o pagamento dos juros dos empréstimos feitos ao tsarismo: era para sufocar a revolução e a liberdade, e esmagar a ditadura!

E de que accusam afinal a revolução russa? Das culpas alheias sobretudo, incluindo a dos próprios acusadores.

Que não realizou a paz! O exemplo não foi seguido com a rapidez que se desejava. Mas quem dá o exemplo tem culpa de não ser seguido imediatamente? E é por isso infrutífero o exemplo? Uma revolução só é feita ou tentada com a certeza de se alastrar fulminantemente? Nesse caso, nunca ela seria um facto, nunca seria iniciada.

Mas foi um facto, e é isso o essencial. O exemplo ficou vibrando — o exemplo formidável duma guerra terminada pela revolução, duma paz imposta, num país, pelo povo. A história dos acontecimentos não está escrita; uinguem pode ainda calcular a parte que neles possa ter o exemplo russo. E eles seguem o seu curso. Brest-Litovsk foi um incidente desastroso, mas que passará; a revolução, que por vezes é forçada a recuar, há-de galgar enfim por cima de tudo e ganhar o mundo.

Que não organizou a abundância! Poderíamos opor às noticias interessadas informações mais optimistas, como,

por exemplo, a respeito da abundante produção de trigo. Mas neste ponto, preferimos admitir as más notícias, não estranhamos a desorganização de momento.

Para a explicar, não seria preciso sequer termos a penúria criada pela guerra, a boicotagem da Rússia por todos os Estados, as dificuldades produzidas pelas terríveis lutas internas. Uma revolução social, mesmo num país industrial e num período normal do capitalismo, havia de encontrar dificuldades epormes de reorganização económica e atravessar uma longa série de lutas dolorosas. Estava previsto. Previu-o Marx, previram-no anarquistas, especialmente os italianos. A suposição absurda da produção superabundante, em regime capitalista, permitindo a pronta vitória da greve geral pacífica e milagrosa; à utopia da revolução-panacea, resolvendo tudo por espontânea harmonização das massas e produzindo de chofre a abundância e a anarquia, opôs-se a concepção mais realista duma produção insuficiente a remediar através de mil dificuldades e mil reacções, a previsão dum penoso período de transição e dum demorado embate de tendências. Quem outra coisa esperou, andou a sonhar.

A ditadura maximalista! Os censores pseudo-revolucionários da revolução russa estarão, na verdade, convencidos de que, por trás da ditadura leninista, nada mais há na Rússia? de que não houve nenhuma espécie de realizações socialistas? de que tudo se reduziu a declarações e a «decretos»?

¿Pensarão, na verdade, que não há revolução socialista popular, mas apenas ditadura feroz dum grupo, que milagrosamente se conserva no poder pela violência, a despeito dos poderosos inimigos internos e externos que o cercam? Ou, admitindo a existência simultânea da revolução e da ditadura, ¿acham de veras que os Estados burgueses e os reformistas e burgueses russos pretendem apenas destruir a segunda e conservar a primeira? que é possível neste instante derribar os maximalistas sem ferir a revolução?

Certamente, nós preferiríamos a revolução social sem a ditadura; mas

temos que a defender, tal como está, contra a reacção. Defendemo-la, a revolução, como tal, pelo que ela tem de socialista, pelo que ela tem já de anarquista, nas realizações directas do povo e nas suas possibilidades futuras.

A ditadura, não. Essa, lamentamo-la. Quanto ao Terror, nem sequer o procuraremos justificar como imposto pelas circunstâncias. Pelo contrário: é por isso que mais o deploramos. Se se mostrasse inteiramente supérfluo e sem explicação, então fácil seria combatê-lo e derribá-lo; mas perante a necessidade de defesa contra o inimigo supremo, os próprios anarquistas se sentem coactos.

O perigo de essa necessidade criar e justificar aos olhos do povo a ditadura e o terror estava também previsto.

Esse perigo pode acabar por ameaçar a existência da própria revolução, gerando um militarismo e um governo forte, cada vez mais semelhante aos outros. Pode a própria revolução degenerar ou retrogradar, por acção do vírus interior da autoridade, depois de porventura ter escapado aos golpes dos inimigos exteriores. Mas quanto mais estes a atacarem, mais se desenvolverá aquele vírus. A revolução russa será tanto mais socialista e libertária, quanto mais se difundir pelo mundo, quanto menos inimigos exteriores tiver, quanto mais a ajudarem as forças do socialismo internacional.

Mas será ingenuidade discutir com o sectarismo cego e com a opinião antecipada. Os que combatem a ditadura na Rússia são os mesmos que acertam ou não vêem a terrível ditadura militar que impera em todos os países beligerantes e que, apesar dela, colaboram com um grupo de Estados e lhe onaltecem a obra libertadora! São os mesmos que publicamente deploram não ter sido a ditadura de Kerenski bastante enérgica para reprimir o movimento maximalista!

Menos socialista foi a Comuna de Paris. Apesar disso, apesar do seu jacobinismo, apesar de se não ter generalizado, não se havendo sequer estendido à França — hoje glorificamo-la pelos seus frutos, pelo seu exemplo,

pela sementeira imensa que fez. De-
testamos os que a trairam, lançamos
o opróbrio aos que a hostilizaram e
condenaram, mesmo quando se trata
de homens de alto valor moral, como
Mazzini, que aliás não passava dum
patriota republicano, deista e unitário.
Basta que se trate duma revolução de
carácter social e popular.

Uma revolução não pode realizar
duma vez o nosso programa, nenhum
programa. Cada partido tem o direito
e o dever de lutar pela realização inte-
gral e imediata dos seus fins, e uma
revolução é um campo aberto a tôdas
as actividades e iniciativas, é a hora
fecunda das lutas supremas. Mas é
também um cadinho em que se fun-
dem tôdas as energias. Não nos dá um
metal puro: dá-nos uma liga, em que
tem maior parte os elementos que
mais souberam afirmar-se.

A hora de justiça há-de soar para a
revolução russa.

O MEU E O TEU (*)

ACTO INFANTIL DE

ADOLFO LIMA

Julia — Não digo! Visto que descon-
fias de mim! (*Passa a 4*).

João Luis — Vêem? Não diz nada!
Vá! Vá! Deixemo-nos de cantigas...
Põe para aqui o que me tiraste! Natu-
ralmente escondeste-o.

Caellda — O melhor é tu dizeres tudo
duma vez, e acabarmos assim com es-
tas scenas que não são nada bonitas e
impróprias duma escola e de bons ca-
maradas. (*Vai ao F*).

María — Se realmente não estiveste lá
a fazer mal, para que estás aí a arre-
liar-nos a todos?

Julia (*A 3*) — Bem! Visto vocês que-
rerem, lá vai!

António — É o melhor que tens a fa-
zer...

Julia — Era uma surpresa!...

João Luis — Boa surpresa!

António — Cala-te!

Luisinho — Deixa-a falar.

Julia (*A 4*) — Mas deixá-lo! Vocês
devem ter ouvido muitas vezes quei-
xar-se o João Luis de que não tem
geito para cravos. Todos se lhe fazem
amarelos e morrem...

João Luis — Hum!... E... e depois?

Julia — Depois, como eu tenho uns
cravos muitos bonitos e sei plantá-los,
tirei ontem um alporque a um dos
meus e fui plantá-lo no canteiro do
João Luis para que êle também tives-
se cravos.

João Luis (*Ao centro*) — Ih! que gran-
de intrujona! Qual alporque nem meio
alporque!... Onde é que êle está?...
Eu sei muito bem o que tenho!

Julia — Andá cá, meu maluco! Está
aqui! Olha! Onde encontraste o meu
sacho... Vês?

João Luis — Vê-ê-ê-ê-ê-ê-jo-o-o-o!...

Julia — Aind'agora estava a ver como
êle tinha passado de ontem para hoje
e a tirar-lhe um torrão de terra que
o atabafava. Foi, então, que encontrei a
lesma...

María (*A 2*) — Andavas tão cego que
não viste o alporque, nem quando apa-
nhaste o sachó, nem quando estiveste
a contar as plantas.

António — Olha! Põe mais esta na tua
escrituração...

João Luis — Era tão pequeno...

António (*A 4*) — Os ricos nunca sa-
bem o que têm...

María — E afinal eras mais rico do
que imaginavas!...

Caellda (*A 2*) — A tua raiva cegou-te
e só te fez ver a mentira e o mal onde
só havia o bem!

António — Nem parecia já o bom e
alegre João Luis...

Caellda — Amigo de todos e por todos
estimado.

Julia — E chamou-me nomes...

João Luis — Tu também me chama-
ste. (*Passa a 5*).

Julia — Porque tu me chamaste pri-
meiro... Se tu não disseses que eu
era uma gatuna, eu não teria dito o
mesmo.

João Luis — Eu, desde a história dos
morangos que andava com a pedra no
sapato... e como a vi no meu cantei-
ro, julguei...

Noémia (*Indo ao F*) Mas julgaste mal...
(*Desce a 7*).

(*) Continuação de número anterior.